

DEBORAH MOGGACH

O EXÓTICO HOTEL
MARIGOLD

Tradução de Ana Lourenço

1

A Verdade vos Libertará.

Swami Purna

Uma jovem septuagenária de nome Muriel Donnelly foi deixada no cubículo de um hospital durante quarenta e oito horas. Caíra em Peckham High Street e dera entrada com cortes, hematomas e suspeita de concussão. Durante dois dias esteve deitada nas Urgências, abandonada, o sangue a secar na roupa.

Isso fez manchetes. DOIS DIAS!, gritavam os tabloides. Dois dias numa maca, velha, negligenciada, sozinha. O St. Jude's foi cercado por jornalistas que emboscavam os enfermeiros e gritavam para os seus telemóveis, apesar da regra que proibia a sua utilização no local. As fotografias mostravam a sua cabeça grisalha tombada e o olho negro. Fora para aquilo que a corajosa reformada sobrevivera ao Blitz? A sua imagem foi difundida por todo o país: Muriel Donnelly, a última vítima do Serviço Nacional de Saúde em colapso, a última estatística chocante que mostrava que o sistema de saúde britânico, outrora o melhor do mundo, estava a desintegrar-se sob os efeitos combinados da falta de financiamento, da escassez de funcionários e do colapso moral.

Um artigo lacrimojante apareceu no *Daily Mail*, foi ordenado um inquérito interno. O Dr. Ravi Kapoor foi interrogado. Mostrou-se cansado, mas educado. Disse que Mrs. Donnelly recebera os cuidados adequados e que estava à espera de uma cama. Não referiu que seria capaz

de vender a alma ao Diabo por uma hora de sono. Não referiu que, desde o encerramento das Urgências do hospital vizinho, o seu, St. Jude's, tinha de lidar com o dobro do número de bêbados, *overdoses* de drogas e vítimas de agressões diversas; que o St. Jude's em breve iria encerrar porque a sua localização, no centro de Lewisham, era considerada demasiado valiosa para ser desperdiçada em pessoas doentes; que o consórcio privado que o adquirira tinha vendido o terreno ao Safeways, que tencionava construir um hipermercado.

Exausto, Ravi voltou de carro para casa em Dulwich. Ao subir o caminho de acesso à porta de entrada, parou para respirar profundamente. Eram sete da noite, algures um pássaro cantava. Ao lado do caminho, os narcisos tinham mirrado, transformando-se em papel de seda. A primavera chegara e partira sem que ele se apercebesse.

Na cozinha, Pauline estava a ler o *Evening Standard*. A história ganhara ímpeto; outras histórias tinham sido publicadas, familiares indignados contavam as suas peripécias.

Ravi abriu um pacote de sumo de maçã.

– A verdade é que não referi a verdadeira razão por que a velhota não foi tratada.

Pauline estendeu-lhe um copo.

– Qual foi?

– Ela não permitiu que nenhum escurinho lhe tocasse.

Pauline começou a rir. Noutra momento – noutra vida, parecia – Ravi também teria rido. Hoje em dia, esse lugar era inacessível, uma terra dourada onde, revigorado e descansado, ele poderia ter energia para achar as coisas engraçadas.

No andar de cima puxaram o autoclismo.

– Quem é? – Ravi olhou para cima.

Houve um silêncio.

– Eu ia dizer-te – declarou Pauline.

– Quem é?

Rangeram passos lá em cima.

– Ele não vai cá estar muito tempo, a sério, desta vez não – balbuciou ela. – Eu disse-lhe que tem de se comportar bem...

- Quem é?
Ele sabia, é claro.
Pauline olhou para ele.
– O meu pai.

Ravi era um homem compassivo. Era médico; tratava dos doentes, sarava os feridos. Aqueles que eram vítimas de acidentes, violência ou mesmo de automutilação encontravam nele uma presença séria e reconfortante. Enfaixava as feridas dos que ficavam nos corredores, mal-amados e pouco cativantes, estancava as hemorragias. Nunca ninguém era mandado embora. Fazer o trabalho, é claro, exigia desprendimento. Aprendera há muito uma espécie de empatia anestesiada. Os corpos eram problemas a serem resolvidos. Para curá-los, tinha de violá-los invadindo a sua privacidade, mexendo-lhes com dedos hábeis. Essas pessoas estavam assustadas. Estavam completamente sozinhas, pois a doença é o lugar mais solitário da terra.

O trabalho resguardava-o do mundo que lhe enviava as suas baixas, as portas abrindo com um suspiro e abandonando-lhas; ele ficava suspenso da vida à qual retornaria no fim do turno. Uma vez em casa, porém, lavava o cheiro do hospital que trazia consigo e tornava-se numa pessoa normal. Volátil, meticuloso, amante de música coral e jogos de computador, suficientemente simpático, mas um pouco esgotado. É claro que era compassivo, mas nem mais nem menos do que os outros. Afinal, o Juramento de Hipócrates não era aplicável ao território doméstico. Especialmente a um velho repugnante como Norman.

Mal passara uma semana e já Ravi queria assassinar o sogro. Norman era um engenheiro de estruturas aposentado, um chato monumental e um homem de hábitos repulsivos. Fora expulso do último lar por enfiar a mão sob a saia de uma enfermeira. «Comportamento sexual pouco próprio», chamaram-lhe, embora Ravi não conseguisse imaginar o que seria um comportamento próprio no que dizia respeito a Norman. As suas anedotas amorosas, como um estribilho, reapareciam com monótona regularidade. Ravi já tinha ouvido, duas vezes nessa semana, aquela sobre apanhar gonorreia em Bulawayo. Sendo médico, Ravi tinha de ouvir as reminiscências mais escabrosas de Norman num sussurro rouco.

– Arranja-me *Viagra*, meu velho – disse ele, quando Pauline saiu da sala. – Aposto que tens alguns lá em cima.

O homem cortava as unhas dos pés na sala! Uns horríveis cascos duros amarelados. Ravi nunca gostara dele e a idade refinara esse sentimento, transformado num ódio ao bode velho com sua gravata regimental fingida e as calças cheias de nódoas. Implacavelmente egoísta, Norman tinha negligenciado a filha toda a vida; dez anos antes, no entanto, o cancro do pâncreas pusera fim à infelicidade da mulher e ele tinha passado a apoiar-se em Pauline. Uma vez, num safari no Quénia, Ravi vira um javali abrir caminho à força até um bebedouro, empurrando todo e qualquer animal que se atravessasse à sua frente. Por qualquer razão, jamais esquecera o seu traseiro coberto de lama.

– Não aguento mais isto – sussurrou. Agora, ele e Pauline tinham de sussurrar como crianças. Apesar da sua decadência geral, a audição de Norman era surpreendentemente apurada.

– Estou a fazer o meu melhor, Ravi, vou ver outro sítio amanhã, mas é difícil encontrar outro lar para ele. As notícias espalham-se, sabes?

– Não podemos simplesmente mandá-lo para algum lado?

– Sim, mas onde? – perguntou ela.

– Algures longe, muito longe?

– Ravi, isso não é simpático. Ele é meu pai.

Ravi olhou para a mulher. Ela transformava-se quando o pai estava por perto. Tornava-se mais dócil, de facto até boazinha, a filha obediente ansiosa por que os dois homens da sua vida se dessem bem. Ria-se estridentemente das piadas terríveis do pai, incitando Ravi a juntar-se a ela. Havia em Pauline uma artificialidade vítrea.

Pior ainda, com o pai dela lá em casa, ele apercebia-se da semelhança entre eles. Pauline tinha o queixo quadrado e pesado do pai e os seus olhos pequenos. Nele pareciam porcos, mas no entanto podia ver-se a semelhança.

Norman tinha ficado com eles várias vezes durante o ano anterior – sempre que era expulso de um lar, na verdade. As estadas estavam a prolongar-se à medida que os estabelecimentos que não tinham ouvido falar dele se tornavam mais difíceis de encontrar. «*O homem é uma ameaça*», disse o gerente do último, «*parece saído do Benny Hill. Perdemos uma rapariga encantadora da Nova Escócia.*»

– A questão é que ele tem medo de mulheres – disse Ravi. – É por isso que tem de lhes saltar para cima o tempo todo.

Pauline olhou para ele.

– Pelo menos *alguém* salta.

Fez-se um silêncio. Estavam a preparar o almoço de domingo. Ravi abriu a porta do forno e tirou a assadeira.

– Estou muito cansado – disse ele.

Era verdade. Ele andava sempre esgotado. Precisava de tempo para se reanimar, para recuperar. Precisava de uma boa noite de sono. Precisava de se deitar no sofá e ouvir o *Requiem* de Mozart. Só então poderia tornar-se de novo num marido – num ser humano, mesmo. A casa ficava muito pequena, com o pai dela lá. O corpo de Ravi andava num estado permanente de tensão. Em cada assoalhada que entrava, Norman estava lá. Quando estava a ouvir *Lacrimosa* ele entrava, o rádio pendurado ao pescoço a emitir o comentário de um jogo de críquete no Sri Lanka.

– Ele usa o meu computador.

– Não mudes de assunto – disse Pauline.

A casa fedia aos cigarros de Norman. Quando o expulsaram para o exterior, o pátio ficou cheio de beatas como a porta do ambulatório do St. Jude's.

– Ele descarrega *sites* pornográficos. – Quando Ravi entrou no seu escritório a cadeira estava torta em relação à secretária, o aposento parecia violado. Havia beatas afogadas no prato debaixo do vaso da avenca.

Pauline abriu um pacote de feijão. Ambos sabiam do que estavam a falar.

– Desculpa. – Ravi acariciou-lhe os cabelos. – Eu quero mesmo. Mas as paredes são tão finas...

Isso era verdade. À noite, quando se deitava, Ravi quase podia sentir o sogro a poucos centímetros de distância, deitado na pocilga que fora outrora o quarto de hóspedes.

– Mas ele está a dormir – argumentou Pauline.

– Sim, consigo ouvir isso perfeitamente.

– Ele é espantoso – respondeu ela. – Nunca conheci ninguém capaz de roncar e peidar-se ao mesmo tempo.

Ravi riu-se. De repente, eram cúmplices. Pauline pousou o feijão na bancada e virou-se para o marido. Ravi envolveu-a num abraço e

beijou-a – beijou-a mesmo, pela primeira vez em semanas. A boca dela abriu-se de encontro à dele; a sua língua, pressionante, provocou-lhe um choque elétrico.

Ravi empurrou a mulher contra a bancada. Ela estava quente por ter estado a cozinhar. Ele enfiou a mão pelo seu decote escorregadio, sob a blusa e o avental engomado. Apalpou-lhe o mamilo; as pernas dela fraquejaram.

– Querida – disse ele. Pauline moveu o corpo contra o dele. Ele deslizou a mão até ao fundo das costas dela, a fim de a proteger dos puxadores do armário.

– Vamos lá para cima – sussurrou ela.

Ouviram um som. Viraram-se. Norman entrava na cozinha, a subir o fecho das calças.

– Acabei de dar uma cagadela monumental. Deve ter sido o grão de ontem à noite. – Norman esfregou as mãos. – Cheira bem aqui.

Norman Purse era um homem vigoroso. Nunca tivera qualquer problema *nesse* departamento. O seu trabalho, a construção de pontes, levara-o a todo o lado – Malásia, Nigéria. Experimentara os bordéis de Banguecoque e Ibadan e orgulhava-se da sua fluência linguística; sabia dizer «mostra-me a tua rata» em seis línguas africanas. Oh sim, tinha vigor para dar e vender.

A mulher, Rosemary, nunca manifestara o menor sinal de rebelião. Fora outrora uma rapariga bonita, tornozelos bem torneados, possuidora de uma grande vivacidade. Esse era o problema: ela era demasiado agradável. Havia certas coisas que um homem não podia fazer com uma rosa inglesa de boa formação. Além disso, ela era sua mulher. Depois de alguns anos, como todas as rosas, tinha começado a murchar. Tornara-se uma dona de casa de meia-idade que lhe cozinhava as refeições e andava de um lado para o outro a fazer tudo aquilo que as mulheres faziam, quase sem abrir a boca. Para ser franco, a mulher não era muito divertida. As únicas vezes que a ouvira rir havia sido de porta fechada com a filha Pauline. «O que é assim tão engraçado?», perguntava ele, abrindo a porta. Elas saltavam como coelhos. Depois, quando ele se ia embora, recomeçavam tudo. As mulheres eram criaturas estranhas.

E agora Rosemary morrera havia muito e a filha tornara-se também ela uma matrona de meia-idade. Quase nos cinquenta, se ele bem se lembrava. Uma dessas mulheres de carreira, agente de viagens, nunca arranjara maneira de lhe dar um neto. Mas era uma bela cozinheira, como a mãe, melhor do que aquela nulidade no lar de terceira idade. Ravi também fazia uma comida muito razoável, dizia que o ajudava a descontraír. Norman gostava de provocar o genro. «Queres mandar vir comida?» perguntava-lhe, entrando na cozinha a esfregar a barriga. «Estava capaz de matar por um indiano.»

Norman encontrava-se a viver com eles havia um mês e sentia-se muito bem. Não podia voltar para o *bungalow*, é claro, porque tinha ardido. Tudo culpa daquele maldito eletrícista, um grande vigarista. Culparam Norman, disseram que ele devia ter adormecido com um cigarro na mão, mas isso era uma mentira e uma difamação. O que estavam a sugerir? que ele começava a perder o juízo? Podia ter alguns problemas de coração e outros no trato urinário, mas pelo menos mantivera o juízo, ao contrário de algumas pessoas nas diversas instituições penais, também conhecidas por Lares, onde havia sido encarcerado. Completamente chanfrados, a maioria deles, a vaguear em camisas de dormir e pijama, a falarem sozinhos. A filha devia ter um coração de pedra para o mandar para lá. Os corredores a cheirar a desinfetante, o tape-tape dos andarilhos, as filas de cadeiras voltadas para o mar fustigado pela chuva, as horríveis guardas prisionais que não conseguiam lidar com um macho de sangue quente nas veias. Lésbicas, todas elas.

E chamavam *Lares* àqueles sítios. Alguém tinha sentido de humor. Lar era o da filha em Plender Street. Era seu dever cuidar do velho pai. E não era apenas um a ser benemérito. Ele tornava-se útil a olhar pela casa quando eles iam trabalhar. Havia por aí muitos assaltantes, mesmo em Dulwich.

Estava uma manhã de sol radiante, em maio. Norman encheu a panela de água, deitou para lá um pouco de *Fairy* e pôs os seus lenços ao lume. Estava de bom humor. Batera uma pívía de manhã, esvaziara a tripa e limpou completamente as fossas nasais. Com uma coisa e outra, sujava bastantes lenços. Tomara um bom pequeno-almoço – *All Bran* e três torradas com doce de laranja e aquela margarina com pouco colesterol que Pauline lhe comprara. De rádio ao pescoço – pendurava-o

aí para manter as mãos livres –, balbuciava as notícias da manhã. «*O problema das pensões*», dizia, «*é uma bomba prestes a explodir.*» A água levantou fervura; gosma cinzenta subiu à superfície. «*Durante os próximos trinta anos a população idosa vai aumentar dois terços.*» Norman baixou o lume e saiu de casa.

Plender Street era uma rua agradável de casas vitorianas – calma, arborizada; autocolantes da Neighbourhood Watch nas janelas. Ravi saíra-se bem na vida e Pauline também devia trazer para casa umas boas massas.

Uma dona de casa jeitosa empurrava um carrinho pelo passeio; Norman levantou-lhe o chapéu ao passar por ela. A mulher pareceu assustada; as boas maneiras eram uma raridade hoje em dia, é claro. Observou-a quando ela estugou o passo; um belo cu. Provavelmente andava a ter pouco mete-e-tira, com um filho tão pequeno por perto. Assobiou alegremente; outra coisa que não se ouvia hoje, pessoas a assobiar. Aquele lugar convinha-lhe, era a sua casa, pelo amor de Deus. Bom quarto, refeições a horas. Não, daquela vez não iam livrar-se dele. Ele sabia que Pauline andava à procura de outra penitenciária, andava a fazê-lo na internet, mas até ao momento sem sorte.

Norman andava a divertir-se imenso. Ravi era um grande comichoso; havia piorado com o passar dos anos. Tudo tinha de ser de determinada maneira. Norman sabia exatamente como provocá-lo – atirando as beatas para a lareira a gás, removendo a prótese de baixo quando via televisão. Gostava de ouvir o genro bufar de enfado. Só até aí, mais não. Norman tinha um sentido de sobrevivência bem desenvolvido.

E o homem era tão puritano. Engraçado, tendo em conta que era médico, e enfiava as mãos sabia Deus onde. Norman contara-lhe a piada sobre o ginecologista que estava aos beijos com a secretária no consultório. Ouve uma chave na porta e ele diz: «Depressa, é a minha mulher, deita-te na marquesa, levanta a saia e abre as pernas.» Nem uma risada. Uns tempos antes, pedira-lhe que lhe arranjasse algum *Viagra*. «Lamento, mas isso é impossível», dissera Ravi. Que puritano! Uma vez, num comboio, Norman vira o genro ler o folheto de segurança. *Num comboio. O folheto de segurança.* Não deixara Ravi esquecer isso.

Norman abriu a porta do Casablanca Food and Wine. Havia uma rapariga morena atrás do balcão. Nunca a vira antes.

– Bom-dia, minha querida. – Tirou o chapéu. – O que faz uma jovem encantadora como você num sítio destes?

– O meu pai é o dono – respondeu ela.

– Ah! E como se chama?

– Sultana.

– Sultana! – exclamou Norman. – Quer sair comigo?

A rapariga olhou para ele, friamente. *Está bem*, pensou ele, *não faz mal*. Comprou o seu maço de cigarros e duas latas de *Tennants*. Sultana estava a escrever no telemóvel, os polegares a voarem. Mesmo assim, conseguia vê-lo. Norman olhou ansiosamente para o expositor de revistas. Por um momento sentiu aquela coisa rara: vergonha. Não podia, não com aquela adorável criatura ali, tão jovem e refrescante.

Restava-lhe apenas ir até à rua principal. Demorou uns bons dez minutos, as costas a doer-lhe. Finalmente, porém, chegou ao seu bem-vindo anonimato, carros a passarem a grande velocidade, e entrou numa papelaria.

– Bom-dia – disse ele ao homem atrás do balcão. Examinou a prateleira de cima das revistas. Erguendo a bengala, desalojou um exemplar da revista pornográfica *Asian Babes*. A bengala caiu ao chão.

Norman baixou-se para a apanhar. Um espasmo subiu-lhe pela coluna. Ficou imóvel. Dobrado ao meio, esperou que a dor passasse.

– Espere, avô. – O homem aproximou-se e apanhou-lha.

– É para o meu genro – murmurou Norman para o chão. – Ele é indiano.

– Com certeza que é. – O homem sorriu. – Calculo que ele também a queira num saco.

De saco na mão, Norman coxeou rua fora. Uma sirene gritou. Ele deu um salto. Um carro de bombeiros passou a grande velocidade. De repente, quis estar em casa, enroscado na segurança do sofá. Hoje, o mundo parecia-lhe hostil, mais do que era habitual – o tráfego, os transeuntes alheados, o funcionário da papelaria com a sua insolência. Alguém descarregou uma caixa de garrafas. Norman deu outro salto. Queria que a filha estivesse em casa, em vez de a quilómetros de distância num escritório qualquer. Ela iria levar-lhe uma chávena de chá. Iria esfregar-lhe *Ibuleve* nas costas e dizer que ele não era assim tão velho, que estava tudo bem, que ele não ia morrer. Que ia correr tudo bem.

Norman fez uma pausa, apoiado na bengala. De repente, viu-se como os outros deviam vê-lo. Apenas por um momento, como as nuvens a abrirem-se. Então, elas voltaram a fechar-se.

«Tenho saudades da minha mulher», pensou ele. «A Rosemary compreenderia.»

Isto surpreendeu-o tanto que não percebeu o que estava a acontecer no fim da rua. Havia ali qualquer coisa. Algo semelhante a um carro de bombeiros parecia encontrar-se estacionado em frente à casa da filha. Uma multidão de pessoas estava a assistir.

Norman aproximou-se a coxear. Parou e olhou. No número 18 de Plender Street, fumo preto saía da janela lateral.